

O Mural da História: formação étnica e identitária da Criciúma contemporânea

Michele Gonçalves Cardoso¹
Tiago da Silva Coelho²

Resumo: O presente artigo visa trabalhar as questões da formação étnica e identitária da cidade de Criciúma no sul de Santa Catarina através de uma série de painéis pintados durante o ano de 2006 e que possuíam grande visibilidade para os habitantes da urbe em questão. Através dos murais uma empresa da iniciativa privada visava apresentar aos seus conterrâneos e visitantes uma síntese histórica de Criciúma e região, de modo a ressaltar aspectos creditados como julgo comum a todos os criciumenses.

Palavras-chave: Mural; Representação; Cidade; Identidade.

As muitas formas de arte que as sociedades modernas apresentam no seu dia a dia à vista dos cidadãos demonstra uma grande possibilidade para certos artistas antes marginalizados. O *graffiti* que já fora considerado caso de polícia hoje figura como uma expressão artística que tem grande representação entre a paisagem urbana. Os muros e as fachadas de prédios, casas e estabelecimentos comerciais tornam-se a tela para que estes artistas apresentem um novo olhar sobre a cidade. Foi o que ocorreu na cidade de Criciúma, sul de Santa Catarina, conhecida pelo título de capital nacional do carvão, ou mais contemporaneamente pelo Criciúma Esporte Clube, campeão de torneios nacionais. Nesta localidade em questão, a iniciativa privada promoveu uma reflexão sobre a história da cidade e da região através de um gigantesco painel com 400 metros² pintado com a técnica do aerografismo.

A técnica do aerografismo é muito semelhante ao *graffiti* que fez sucesso nos anos 1980 e hoje retorna aos holofotes com artistas como Banksy. Mas já antes dos sucessos dos artistas de rua tomarem os muros e paredes das cidades haviam grupos espalhados por diversas partes do mundo que realizavam o mesmo trabalho, os muralistas. O mural é um tipo de arte utilizada para propagandear uma ideia, ensinar determinado conteúdo a um número muito grande de pessoas. Por isso que os espaços urbanos de ampla movimentação como rodoviárias, estações de trem e metrô, prédios públicos, fachadas, são o aporte principal para este tipo de arte.

A arte mural surgiu no México no início do século XX, após o período revolucionário daquele país. A ascensão de Obregón ao cargo de presidente promoveu uma

¹ Doutoranda em História pela UDESC e professora do Departamento de História da UNESC. michelehist@unesc.net

² Mestre em História pela PUCRS, professor do Departamento de História e Artes Visuais da UNESC e professor de História do Instituto Federal Catarinense – IFC, Campus Araquari. tiagocoelho@unesc.net

grande política pública de caráter nacionalista que deveria ressaltar a história do povo mexicano, livrando-o do fantasma colonialista espanhol. Em síntese o muralismo é um tipo de arte vinculada a mensagem, pois para este grupo o realismo é o principal método de se chegar até a população. O conteúdo deve se sobrepor a forma, assim é que pensavam os muralistas, a exemplo de José Orozco, David Siqueiros e Diego Rivera.

O Muralismo mexicano não deu em suas formas nenhuma contribuição nova a plástica universal, tampouco a arquitetura e menos ainda a escultura. Porém, pela primeira vez na história da arte da pintura monumental, isto é, o muralismo mexicano, cessou-se de empregar como heróis centrais dela, os deuses, os reis, chefes de estado, generais heróicos etc. Pela primeira vez na história da arte, repito, a pintura mural mexicana fez herói da arte monumental a massa, isto é, o homem do campo, das fabricas, das cidades, do povo. Quando em meio a este aparece o herói, é como parte dele e seu resultado claro e direto. Também pela primeira vez na história, a pintura mural tentou plastificar, numa só composição homogenia e dialética, a trajetória no tempo de todo um povo, desde o passado semimítico até o futuro cientificamente previsível e real; unicamente isto é o que lhe deu o valor de primeira categoria no mundo, pois é uma contribuição realmente nova na arte monumental em relação ao seu conteúdo. (RIVERA Apud AMARAL, 2003, p.20)

A relação direta entre o muralismo, e a sua técnica, com o *grafitti* e o aerografismo pode ser pincelada principalmente no que tange ao aporte e a forma de transmissão de uma mensagem. Todas estas formas de pintura são impregnadas de uma forte concepção educativa ou ao menos problematizadora. Não é a toa que o veículo deste tipo de atividade tenha de ser de acesso ao maior número possível de pessoas. Assim as paredes tornam-se painéis para as mais diferentes concepções de arte e de olhares sobre a cidade.

Além dos relacionamentos sobre a forma e o conteúdo das produções há de se ressaltar a técnica empregada para a feitura destas obras em ambientes externos. O muralismo, a aerografia ou o *grafitti*, são composições de larga escala, assim sua produção é demorada, levando meses ou até anos para ser finalizada. A principal técnica para a produção destas obras é o afresco. Esta técnica em questão, já utilizada pelos renascentistas italianos, consiste em pintar sobre o cimento fresco, fazendo com que a tinta penetre na camada superior fixando-se ao material ainda úmido. Isto protege a pintura de uma exposição prolongada as intempéries do tempo, sol, chuva, vento, poluição, enfim coisas das quais ela estaria protegida em galerias e nos ambientes climatizados dos museus.

A técnica do cimento fresco não predispõe a utilização de pincel, ou de spray ou ainda de aerografismo, todos estes suportes podem ser utilizados no processo. Os muralistas

mexicanos, principalmente Siqueiros, já realizavam pinturas com aerografismo durante as décadas de 1920-1930. Outra característica intrínseca da obra mural é sua monumentalidade, ela é necessária para que se possa vislumbrar a distância os elementos dispostos no painel, e para que sua mensagem não seja compreendida de maneira equivocada.

Então a função do mural, assim como a função da arte pode ser resumida na seguinte frase de Leon Tolstoi, “a arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contaminados desses sentimentos e também os experimentar.” (TOLSTOI, 2002, p.15) No Brasil podemos destacar a participação de Candido Portinari como pintor muralista, para ele “La pintura mural es la más adecuada para el arte social porque el muro generalmente pertenece a la colectividad y al mismo tiempo cuenta una historia, interesando a un mayor número de personas”. (PORTINARI, 2005, p.313)³

Na Criciúma da década de 10 do século XXI, o que estava em jogo não era uma arte social, não se buscava a transformação da realidade social como queriam os mexicanos. Buscava-se muito mais exaltar os momentos passados daquela cidade, uma história positivada e que muitas vezes tende a se distanciar da população que nela vive. Contudo a noção em jogo era a mesma, propagandear a população, e a todos os visitantes, uma pincelada da história que se gostaria de afirmar e reforçar. Por isso o mural, deste modo a monumentalidade, estava a serviço de uma educação histórica que buscava retratar um passado mitificado, diferentemente do que afirmava Rivera com suas obras.

A Locomotiva educativa: o trem, os vagões e a História

No ano de 2006 a empresa cricumense Alianda Pisos e Azulejos, especializada na distribuição de revestimentos cerâmicos, inaugurou uma nova loja. A firma já atuava na cidade desde 1993, período de grande crescimento do setor cerâmico na região. O estabelecimento recém inaugurado estava localizado às margens da Avenida Centenário, principal eixo de ligação da cidade, pois a avenida corta o perímetro urbano cricumense de norte a sul. A Centenário possui um tráfego intenso, pois por ela passam muitos moradores da cidade e também de cidades vizinhas que buscam serviços em Criciúma. Assim, a Alianda estava situada em um ponto privilegiado para o comércio. A empresa possuía um muro de

³ Em uma tradução livre dos autores: “A pintura mural é a mais adequada para a arte social porque o muro geralmente pertence à coletividade e ao mesmo tempo conta uma história, interessando a um maior número de pessoas”.

grandes proporções na lateral da loja que era facilmente visualizada pelos dois sentidos na Avenida e foi nesta parede que a empresa decidiu registrar momentos da história cricumense. Momentos considerados importantes e que estariam expostos ao grande público rememorando e positivando algumas características da urbe.

Para a confecção do painel a empresa buscou auxílio da Universidade da cidade, no entanto, o curso de Artes Visuais afirmou não possuir pessoas especializadas na técnica que seria envolvida. Com esta dificuldade inicial, a empresa buscou artistas em outros estados contratando, assim, o artista mineiro Renato Brito. Segundo o jornal cricumense A Tribuna,

o trabalho foi iniciado depois de uma pesquisa de três meses. Funcionários da Alianda Pisos e Azulejos levantaram as informações e as colocaram no papel. A expressão dos desenhos e a mistura das cores ficaram por conta do artista plástico Renato Brito. (PIVA, 2006, p.8)

Parte da pesquisa realizada pelos funcionários teve acompanhamento do artista, pois este deveria entrar em contato com os ambientes que iria retratar. Assim, o painel já possuía uma estrutura proposta pela empresa ao artista. Nesta estrutura algumas passagens da história cricumense estariam sendo retratadas em vagões de um trem. O painel é “puxado” pela locomotiva, uma representação da Maria Fumaça, e na sequência o vagão que representa a formação da cidade com seus grupos étnicos; a extração do carvão; o setor cerâmico; o setor do vestuário e o futebol cricumense.



Imagem 1 – Vista panorâmica

A representação do trem foi chamada pelo jornal A Tribuna de “locomotiva educativa”, pois este painel estaria ensinando a história cricumense àqueles que passariam pelo local:

Nem só nos livros a história de Criciúma pode ser encontrada. Às margens da Avenida Centenário, um muro está servindo de suporte a uma locomotiva educativa. Um painel está sendo produzido para ilustrar as cinco principais frentes responsáveis em levar o nome da cidade a atravessar divisas e fronteiras. Para voltar ao passado ou lembrar o presente basta olhar atentamente o desenho que ilustra a parede. (PIVA, 2006, p.8)

A escolha da empresa pela locomotiva está diretamente vinculada a presença deste meio de transporte na história da cidade. O carvão extraído na região era escoado pela ferrovia, no entanto, o papel da Estrada de Ferro Tereza Cristina vai muito além desta utilização. O espaço urbano cricumense foi alterado significativamente pelos trilhos da ferrovia, assim como, o cotidiano dos moradores da cidade e da região.

Mesmo inicialmente construída para atender o transporte do carvão, a ferrovia tratou também de transportar outras mercadorias e passageiros, aproveitando a sua disponibilidade material no sentido de minimizar os seus custos. Em vista da carência de estradas de rodagem entre as localidades, a ferrovia constitui-se no mais barato e seguro meio de transporte da região até aproximadamente a década de 1960. Pela importância que tinha na vida cotidiana dos habitantes do sul e na economia regional no momento em que a rede urbana do sul do Estado se formava, a estrada de ferro tornou-se um dos elementos principais para compreender o espaço urbano das cidades da região, como Imbituba, Tubarão, Jaguaruna, Urussanga, Criciúma, Siderópolis, entre outras. O espaço urbano de Criciúma formou-se no período em que a mineração do carvão era a atividade econômica principal, especialmente nas décadas de 1940 a 1970. A estrada de ferro foi um dos elementos importantes na formação da morfologia urbana da cidade, sem a qual não é possível compreender o espaço urbano. (NASCIMENTO, 2004, p.167-168)

A chegada do trem na região representou um acesso à modernidade, pois a velocidade e o encurtamento das distâncias alteraram o modo de vida dos cricumenses. A estação do trem se tornou ponto de encontro, de chegadas e de despedidas. Local também de muito receio, pois assim como, os cricumenses partiam daquele ponto, também muitos “forasteiros” chegavam pelos trilhos do trem. O comércio se desenvolveu nas proximidades das estações, assim como, as casas de turma da ferrovia alteraram a paisagem urbana.

Contudo, a partir de 1975 os trilhos começaram a ser retirados da parte central da cidade. A ferrovia que havia sido símbolo de modernidade passou a disputar espaço com a indústria automobilística. O símbolo de modernidade deste período era o carro e não mais o trem. Dessa forma, a cidade passou por mais um processo de transformação urbana. No lugar dos trilhos do trem uma longa avenida foi construída a avenida Axial que posteriormente passaria a se chamar Avenida Centenário, local em que anos mais tarde um painel seria pintado relembrando a passagem do trem.⁴

O maquinista da locomotiva retratado no painel é um Tigre mascote do Criciúma Esporte Clube. O time surgiu na cidade em 1947 com o nome de Comercário Esporte Clube. O Comercário era o time da parte central da cidade e era composto pelos comerciantes desta região. O Comercário EC jogava contra os times do município que eram na grande maioria compostos por mineiros. As equipes das Vilas Operárias e das Carboníferas possuíam uma grande rivalidade contra o Comercário, no entanto, com a decadência do setor carbonífero estes times foram acabando e em 1978 para unificar os cricumenses em torno de um mesmo time surge o Criciúma Esporte Clube. No período em que o mural é pintado a Alianda Pisos e Azulejos era um de seus principais patrocinadores, por isso a presença marcante do time na locomotiva e também no último vagão. (DASSILVA JR.; GASPERIN, 2010)

O primeiro vagão da locomotiva faz alusão aos grupos étnicos formadores da cidade. Para melhor compreendermos os elementos presentes neste painel é necessário analisarmos a história considerada como oficial desta urbe. Para a historiografia tradicional de Criciúma, a cidade foi fundada em 6 de Janeiro de 1880 dia em que os primeiros grupos de italianos teriam chegado a região. A partir da fundação deste primeiro núcleo urbano outros grupos étnicos começaram a chegar nestas terras seriam eles os alemães e poloneses. Durante muitos anos a historiografia cricumense buscou dar visibilidade somente a estes três grupos. Os grupos indígenas que estavam presentes na região antes da chegada dos colonizadores foram registrados somente como ameaça a colonização e excluídos da história oficial da cidade.

A atividade carbonífera atraiu muitas pessoas de Santa Catarina e também de outros estados para a região de Criciúma, fato que gerou um grande crescimento demográfico. Neste período o carvão era o carro-chefe da economia cricumense e também o responsável por consolidar uma identidade para a cidade. Os moradores estavam adaptados com a rotina carbonífera. Grande parte da população estava empregada no setor. A poluição, os acidentes

⁴ A ferrovia foi retirada da parte central da cidade e levada para a periferia. A ferrovia está em funcionamento ainda hoje, porém a decadência da extração do carvão fez com que o trem fosse perdendo visibilidade na cidade.

nas minas, a pirita⁵ espalhada pela bairros e o cheiro forte vindo do minério eram características comuns no município. No entanto, a identidade de cidade carbonífera se consolidou ainda mais na década de 1940 quando a Criciúma recebeu o título de Capital Brasileira do Carvão. O título afirma uma identidade para os moradores, identidade essa que saía das fronteiras citadinas e anunciava a cidade como um local de relevância nacional.

No entanto, a atividade carbonífera passou por muitas crises por conta da necessidade de subsídios do governo, fato que preocupava muitos setores cricumenses. Eram muitos os debates travados sobre a necessidade de diversificar a economia do município. No entanto, na segunda metade da década de 1970 estes debates se intensificaram, pois começaram os preparativos para os festejos do Centenário de Fundação da cidade. O Centenário foi entendido pelo poder público como momento ímpar de mudança identitária. A festividade iria contar a trajetória vivenciada pelos cricumenses nestes cem anos, dessa forma, o Centenário poderia ser o momento de evidenciar algumas características em detrimento de outras.

Já existia na cidade algumas iniciativas que visavam valorizar os grupos fundadores da cidade. Em 1955 José Pimentel encabeçou uma campanha para que fosse construído um monumento em homenagem às etnias fundadoras, pois na visão dele, teriam sido os primeiros habitantes os responsáveis por instaurarem as bases para o progresso da cidade. (PIMENTEL, 1955, p.1-4) Essa visão centrada na etnicidade valorizava o trabalho dos colonizadores e diminua a importância do carvão como determinante econômico. Assim, o carvão não seria mais considerado a “pedra fundamental do progresso”, mas sim, o trabalho dos colonizadores. Esta visão vai de encontro com a proposta das Festividades do Centenário, pois se buscava uma alternativa identitária que não estivesse centrada no carvão.

No entanto, para que esta identidade baseada na etnicidade fosse propagada e legitimada foi preciso fazer pesquisas e também rever algumas construções presentes na história oficial de Criciúma. Até este período a história oficial da cidade tinha como grupos fundadores os italianos, alemães e poloneses. Entretanto, nas Comemorações do Centenário juntam-se a essas três etnias, outras duas: portuguesa e negra. A etnia portuguesa e a etnia negra não apareciam na história oficial como fundadoras da cidade. Nesse sentido, elas entram com o objetivo de abarcar um maior número de pessoas, uma vez que os três grupos tidos como fundadores eram minoritários na cidade. Assim, a entrada de mais dois grupos étnicos demonstra certa preocupação política e eleitoral do poder público municipal no

⁵ Rejeito do carvão que ficavam espalhados nas comunidades próximas as mineradoras.

contexto da redemocratização do país, que regia as comemorações do Centenário. O objetivo da inclusão da etnia portuguesa era que esse grupo pudesse representar uma grande parte da população que poderia ser considerada “brasileira”, e que não podia ficar de fora do esquema identitário que estava sendo almejado nas comemorações.

As Comemorações do Centenário de Criciúma tiveram seu fim em 1981, e com o término das festividades, alguns grupos étnicos se consolidaram em Associações. Esses grupos e Associações deveriam, pelo menos uma vez por ano, encontrar-se e continuar a manutenção de seus trabalhos juntos. Pensando dessa maneira, em 1989 o prefeito Altair Guidi – prefeito do período do Centenário – retorna à administração municipal e juntamente com outras pessoas que haviam participado de sua administração anterior decidem por criar uma festa. É nesse contexto que surge a “Quermesse de Tradição e Cultura”. Ao discorrer sobre a criação da Festa, Maria Marlene Milanez Just relata que ela seria um laço de continuidade do Centenário, que manteria a mesma proposta identitária “porque um povo sem identidade, um povo que não tem cultura, um povo que não conhece a sua origem, não tem identidade nenhuma.” (JUST, 2007) Portanto, para que a identidade que se constituiu no Centenário continuasse dando suporte para as novas gerações, surgiu a “Quermesse de Tradição e Cultura”, que anualmente iria consolidar a identidade da Criciúma multi-étnica.

No entanto, o discurso identitário ainda não estava finalizado. Na segunda edição da festa um outro grupo étnico é convidado a fazer parte dos festejos: o grupo étnico árabe. Em 2003 também tivemos a inclusão de mais um grupo o espanhol. Dessa forma, a identidade criciumense ficou pautada nos grupos formadores da cidade e não mais nos fundadores, pois, tanto árabes quanto espanhóis teriam chegado a cidade na segunda metade do século XX. Dessa forma, o discurso se torna abrangente e a Festa, que é baseada na gastronomia e danças típicas, passa a ter outros atrativos voltados também a uma preocupação com o turismo. Pois, a cidade passou a se difundir como a Cidade das Etnias, demarcando seu espaço junto com outras festas catarinenses como a Oktoberfest em Blumenau e a Marejada em Itajaí. Contudo, enquanto as outras cidades catarinenses centralizam suas festas em apenas um elemento étnico, Criciúma passou a explorar a diversidade. É dessa forma que a Festa das Etnias iria se consolidar em Criciúma como a festa de maior representatividade na cidade sendo que a sua

positividade é dada pela diversidade étnica e riqueza de contribuições que cada cultura aporta para o conjunto da cidade. Juntando lazer, turismo e cidade, a Festa das Etnias promove um conjunto de representações sobre Criciúma e seus habitantes que tem na identidade étnica o seu cimento agregador. Essa identidade é diversa, na medida em que diversos são os

grupos, mas também única em vista de que se referem á mesma cidade, apresentando Criciúma como cidade das etnias. (NASCIMENTO, 2006, p.12)

Dentro desta identidade formada para a cidade de Criciúma o primeiro mural representa a formulação dos grupos considerados como fundadores da cidade. Há de se ressaltar algumas questões históricas: primeiramente as mulheres retratadas no painel estão no lugar das sete etnias formadoras da cidade cricumense sem, no entanto, definir ao certo qual corresponde ao seu grupo étnico. Em uma leitura superficial podemos conceber as nacionalidades de cada mulher pela sua vestimenta, seriam as três mulheres a esquerda provenientes da Itália, Alemanha e Polônia, complementadas pela mulher sentada ao centro, vinda de Portugal. As três mulheres mais ao fundo, uma árabe, outra negra e outra espanhola, ou as quatro mulheres unindo-se a elas a alusiva a Portugal, seriam provenientes de uma imigração posterior e então localizadas em segundo plano.



Imagem 2 - Imigrantes

Nítidamente as três mulheres posicionadas a esquerda estão em um primeiro plano ressaltando a importância atribuída a sua nacionalidade. Todas estão a frente de um navio, meio de transporte que mantinha o contato Europa-América e que fora no século XIX, responsável pelo traslado destas famílias até Criciúma.

Contudo, mesmo nos dias atuais a cidade ainda é reconhecida pelo carvão. Parte dos empregos disponíveis aos trabalhadores são relacionados a indústria carbonífera, direta ou

indiretamente. Mesmo com os muitos embates travados ante a poluição ambiental, pelo fechamento das minas já abertas, ou pela proibição de novas minas, o carvão possui relativa força no cenário nacional. Daí a explicação primeira dele estar contido neste painel sobre a história criciumense, contrariando algumas das forças políticas que nas décadas anteriores o quiseram retirar dos holofotes quando o assunto era a cidade de Criciúma. A composição apresenta dois mineiros em atividades distintas, um empurrando a vagoneta de carvão, devidamente equipado com capacete e botas para sua proteção, e segura uma picareta nas mãos.

O carvão retirado da terra seria levado até a superfície e depois transportado até a caixa de embarque e então depositado no trem que o levaria até o porto de Imbituba, ou como se faz hoje, até a usina termoeletrica Jorge Lacerda na cidade de Capivari de Baixo. Se um trabalhador esta a empurrar a vagoneta com o trabalho já realizado, o outro está com a perfuratriz em riste preparando-se para iniciar o seu labor. Ele caminha em direção ao espectador, também devidamente equipado com seu capacete com emissor de luz, máscara, luvas, botas, roupa adequada ao serviço desempenhado. Preparando-se para escavar a terra em busca do chamado ouro negro.

É inegável a propulsão dada pelo carvão no desenvolvimento regional, assim como também é impossível esconder toda a degradação ambiental deste setor energético, a representação do painel apresenta somente uma face deste trabalho que é o subterrâneo. Durante a história desta atividade há de se ressaltar outros setores que são envolvidos diretamente com a atividade da extração temos as atividades de superfície, como a escolha do carvão. Esta ação era desempenhada prioritariamente pelas mulheres, contudo não era considerada pela escolha da representação como uma atividade representativa desta indústria. Historicamente os trabalhadores do subsolo eram homens, e as mulheres desempenhavam papéis considerados secundários, a representação direta de homens trabalhando neste painel encobre a presença feminina desta atividade.



Imagem 3 – Carvão

A atividade carbonífera apresentou muitos altos e baixos principalmente por conta da necessidade de subsídios por parte do governo. Nesse sentido, já se buscava falar de uma diversificação da economia cricumense desde a década de 1960. Nesse período a Associação Comercial e Industrial iniciou uma campanha propondo aos empresários locais que abrissem negócios com o objetivo de atrair empresas externas ao município e também criticavam a dependência ao setor carbonífero que por conta de sua instabilidade não permitia a cidade um futuro estável. (NASCIMENTO, 2006, p. 52)

Foi neste período também que o setor cerâmico passou a receber estímulos econômicos para ser incrementado. A política do Sistema Financeiro Nacional de Habitação impulsionou e dinamizou a produção de pisos e azulejos. Esta atividade realizada paralelamente a extração do carvão se tornou bastante representativa na economia da região, sendo que em 1985 o setor de revestimentos cerâmicos representava 25% do VTI (Valor de Transformação Industrial) (SANTOS, 2007, p. 45). Contudo, em 1990, as indústrias ceramistas passam por uma profunda crise que restringe as vendas ao mercado interno. Assim, para se adequar ao mercado externo essas indústrias incorporaram novas tecnologias. Essa reestruturação, pautada na incorporação de tecnologias provindas da Itália, teve efeitos na produção ceramista: levou o Brasil a ocupar o 4º lugar na produção mundial.

É o que está retratado no quarto painel da história cricumense, quando se pode vislumbrar esta representação de uma tomada de posição a nível internacional. A atividade cerâmica é regional não se restringindo somente a cidade de Criciúma. Além da confecção de

pisos e azulejos, principal atividade ceramista da região metropolitana, há também em pontos mais afastados, porém ainda no sul de Santa Catarina, a atividade ligada a produção de telhas e tijolos, presentes em cidades como Morro da Fumaça e na região do vale do rio Araranguá.



Imagem 4 – Cerâmica

Dos fornos altamente tecnológicos saem pisos e azulejos que diretamente serão exportados para todo o mundo, levando especificamente ao relacionamento de 4º maior exportador deste produto no mundo. Um painel simples, mas que possui uma carga representativa muito forte, não podemos esquecer que a parede qual estão retratados este murais é de uma loja de pisos e azulejos, vinculada a uma grande empresa do setor cerâmico, a Eliane Revestimentos Cerâmicos. Diferentemente do mural sobre o carvão aonde os trabalhadores estão representados – ou ao menos parte deles – neste mural alusivo a cerâmica a força produtiva está ausente. Seria por causa da mecanização do trabalho cerâmico ser maior do que o carbonífero? ou as lutas dos trabalhadores do carvão terem recebido maior ênfase, a ponto de Criciúma ser considerada a cidade mais comunista de Santa Catarina?

Com o aumento da produção e o sucesso do setor, as trabalhadoras e trabalhadores da cerâmica passaram a reivindicar melhores condições de trabalho, e também aumento salarial. Dessa forma, por muitas vezes foram feitos acordos entre trabalhadores e empresários. Entretanto, alguns desses acordos não foram cumpridos pelos empresários e os trabalhadores viram nas greves a maneira de fazer com que suas reivindicações fossem atendidas. (MIRANDA; ZANELATTO, 2011, p.13)

Não há braços humanos neste mural para a confecção dos pisos e azulejos, contudo o número de trabalhadores da cerâmica supriu a baixa demanda da atividade carbonífera,

contemplando muitos trabalhadores órfãos do carvão. Nas décadas de 1980 e 1990 o número de trabalhadores do setor cerâmico manteve-se em ascensão, enquanto o dos trabalhadores das carboníferas obtiveram uma leve alta nas proximidades de 1985 caindo drasticamente na década seguinte. (MIRANDA; ZANELATTO, 2011, p.5) Retratado no mural encontramos em primeiro plano uma máquina, da qual os pisos coloridos são levados por uma esteira até o fundo da obra e de lá diretamente para todo o globo. Os trabalhadores estão ausentes até do encaixotamento das cerâmicas, ressaltando como a própria indústria conseguiu sozinha expandir-se até as terras europeias d'além mar. Seria um retorno glorioso as origens italianas creditadas aos constituidores do espaço urbano de Criciúma.

Considerações finais

Neste breve texto analisamos três dos cinco murais elaborados pelo artista Renato Brito. Os outros painéis fazem referência a outros aspectos da cidade de Criciúma como a indústria do vestuário e o futebol cricumense. Ambos possuem a mesma dimensão e finalizam a locomotiva educativa. Nos planos alternados entre um mural e outro, estão retratados signos da cidade e da região, como o furacão Catarina, catástrofe ocorrida em 2004. O monumento das etnias construído durante o centenário da cidade para representar a sua fundação como uma mão que brota da terra, assim como a cidade brotara do trabalho braçal do colonizador. E a construção civil, com o que pode ser inferido como o edifício Lucio Cavaler o maior da cidade.

Estes aspectos foram deixados de fora desta análise por estamos problematizando a fundação e composição da sociedade cricumense. Mesmo assim são altamente representativos do povo e da economia contemporânea. É interessante o fato de que todos os elementos presentes nos murais fazem menção a uma representação que extrapola as fronteiras da cidade, projetando Criciúma a nível nacional e em seguida internacionalmente. O carvão como impulsionador econômico em um determinado momento histórico e a conquista do título de Capital Nacional do Carvão. Assim como a formação da cidade advinda internacionalmente configurando-se, como outras cidades catarinenses, como um “pedacinho da Europa no sul do Brasil.”

Outra representação da cidade a nível internacional é a exportação cerâmica, que dimensiona a economia local e a vincula ao mercado mundial com a venda para o exterior de pisos e azulejos. O painel alusivo a confecção tem lado a lado uma fileira de costureiras e a passarela, demonstrando o caráter contemporâneo da costura de grifes e marcas de abrangência nacional. O último mural apresenta o futebol na cidade de Criciúma, com dois grandes expoentes do esporte nacional, do lado esquerdo está representado Rubão, goleiro do antigo Metropol, primeiro clube brasileiro a excursionar pela Europa jogando contra os grandes clubes daquele continente durante a década de 1960. (DASSILVA JR., 1996) Ao seu lado está representado o Criciúma Esporte Clube, o único time catarinense a alcançar um título nacional frente aos maiores clubes do país, campeão da Copa do Brasil de 1991.

O mural apresentava a cidade toda a grandiosidade de uma filha orgulhosa de seus méritos, assim a Alianda Pisos e Azulejos mandou pintar estes painéis para servirem de ilustração a história cricumense. Há de se ressaltar a ênfase dada pela jornalista na já referida matéria, quando o artista garante a vida útil de dez anos para o painel, feito em aerografia e com o que de mais moderno existia na técnica. O fato é que faltariam muitos anos para completar esta década, pois pouco tempo depois de inaugurado e entregue a população o painel começou a descascar não durando um ano. As cores vibrantes foram substituídas pelo branco e em seguida pelo nome da empresa que ambicionou apresentar a história na sua parede.

Referências

BRITO, Renato. **Carvão**. Mural, aerografia com tinta a óleo. 7,5m x ???, 2006. Acervo de Michele Gonçalves Cardoso.

_____. **Cerâmica**. Mural, aerografia com tinta a óleo. 7,5m x ???, 2006. Acervo de Michele Gonçalves Cardoso.

_____. **Imigrantes**. Mural, aerografia com tinta a óleo. 7,5m x ???, 2006. Acervo de Michele Gonçalves Cardoso.

_____. **Vista panorâmica**. Mural, aerografia com tinta a óleo. 7,5m x ???, 2006. Disponível em: <<http://renatozen.blogspot.com.br/2007/05/histria-de-criciuma-em-400mt2-em-8.html>> Acesso em:

DASSILVA JR., José. **Histórias que a bola esqueceu**. Florianópolis: CMM Comunicações, 1996.

_____.; GASPERIN, Emerson. **Almanaque do futebol catarinense**. Florianópolis: Edição do autor. 2010.

JUST, Mária Marlene Milanez. **Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.** Criciúma 23 de Mar. de 2007. Entrevista.

MIRANDA, Antonio Luis; ZANELATTO, João Henrique. Trabalhadoras e trabalhadores da cerâmica em Criciúma 1960-1980. In.: **V Encontro de Economia Catarinense: Crescimento e sustentabilidade.** Florianópolis. Anais. 2011.

NASCIMENTO, Dorval do. **As curvas do trem:** a presença da estrada de ferro no sul de Santa Catarina. Criciúma: UNESC, 2004.

_____. **Faces da urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980).** 2006. 242 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PIMENTEL, José. Monumento ao Imigrante. **Tribuna Criciumense,** Criciúma, 01 de ago. 1955, p. 1-4.

PIVA, Andresa. Um painel da história da cidade. **A Tribuna,** Criciúma, 28-29 out. 2006. Geral.

PORTINARI, Candido. Sentido Social del arte. In.: GIUNTA, Andrea (Org.) *Candido Portinari y el sentido social del arte.* Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

TOLSTOI, Leon. *O que é arte?* São Paulo: Ediouro, 2002.